

O RETORNO DA PESSOA: a noção de pessoa segundo o personalismo ontológico moderno de Karol Wojtyla, frente à crítica de Paul Ricoeur ao personalismo metafísicos e antropológicos

THE RETURN OF THE PERSON: the notion of the person according to Karol Wojtyła's modern ontological personalism, in light of Paul Ricoeur's critique of personalism.

Helder Machado Passos¹

Rita de Cássia Oliveira²

Hugo Pinheiro Costa³

RESUMO: A filosofia personalista conheceu ao longo de seu desenvolvimento uma série de autores, fontes de inspiração, correntes, fases e críticas, acontecimentos que corroboram para a sua consolidação e reestruturação. Dentre as críticas levantadas, temos a de Paul Ricoeur, que afirma a incapacidade do movimento empreendido por Emmanuel Mounier de alcançar seus objetivos, declarando sua morte e o necessário retorno da pessoa, que só seria possível segundo um estatuto epistemológico sólido a partir do conceito central do personalismo – a noção de pessoa. Entretanto, passados alguns anos da morte de Mounier, o personalismo recebeu algumas contribuições de outros autores, dentre os quais se destaca Karol Wojtyla, que buscou confluir a filosofia do ser com a filosofia da consciência de modo a consolidar uma nova antropologia. Partindo dessas inquietações, o presente trabalho se propõe a apresentar como o personalismo ontológico moderno de Karol Wojtyla, centrado no conceito de pessoa, se coloca frente à noção de pessoa e as críticas levantadas por Paul Ricoeur ao personalismo? Para atingir esse objetivo, começaremos por identificar a noção de pessoa adotada por Paul Ricoeur, bem como a crítica que desenvolve ao personalismo, recorrendo principalmente às obras como, *Note sur la personne* (1936), *Une Philosophie Personneliste* (1950) e *Morre o personalismo, volta a pessoa* (1983). De modo que em, seguida se compreenda a antropologia personalista desenvolvida pelo personalismo ontológico moderno de Karol Wojtyla, na obra *Pessoa e Ação* (1969), o que permitirá analisar como o personalismo ontológico moderno de Wojtyla se posiciona frente a crítica de Paul Ricoeur. Por fim, espera-se que a presente pesquisa seguindo estes passos, e adotando ainda como referencial teórico as obras *El personalismo ontológico*.

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (2012). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal do Maranhão e Professor do mestrado acadêmico em Filosofia da Universidade Federal do Maranhão (PPGFIL). E-mail: helder.passos@ufma.br.

² Doutora em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Membro fundadora da Rede Brasil Ricoeur. Pertence à Diretoria da Rede Brasil Ricoeur. Professora Permanente do Mestrado Acadêmico em Filosofia (PPGFIL). E-mail: rc.oliveira@ufma.br.

³ Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia (PPGFIL) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Pós-graduado em Docência do Ensino Superior (FOCUS) e graduado em Filosofia pelo Instituto de Estudos Superiores do Maranhão (IESMA), atual Faculdade Católica do Maranhão. costa.hugo@discente.ufma.br.

gico moderno I (2015) e *Introdução ao personalismo* (2028) de João Manuel Burgos, levando a apresentação da antropologia personalista de Wojtyla segundo uma noção de pessoa e um estatuto epistemológico mais robusto, que incorpora elementos da crítica de Ricoeur e contribui para a consolidação da noção de pessoa humana, e da própria filosofia personalista.

Palavras-chave: Pessoa, Paul Ricoeur, Karol Wojtyla, Personalismo.

ABSTRACT: Throughout its development, personalist philosophy has encompassed a variety of authors, sources of inspiration, currents, phases, and critiques—factors that have contributed to both its consolidation and its restructuring. Among the criticisms raised is that of Paul Ricoeur, who argues that the movement undertaken by Emmanuel Mounier was unable to achieve its objectives, declaring its death and calling for a necessary “return of the person,” which, according to him, would only be possible on the basis of a solid epistemological framework grounded in the central concept of personalism—the notion of the person. However, some years after Mounier’s death, personalism received significant contributions from other authors, among whom Karol Wojtyła stands out. Wojtyła sought to bring together the philosophy of being and the philosophy of consciousness in order to consolidate a new anthropology. In light of these concerns, the present study aims to show how Karol Wojtyła’s modern ontological personalism, centered on the concept of the person, positions itself in relation to the notion of the person and to the criticisms raised by Paul Ricoeur against personalism. To achieve this objective, we will begin by identifying the notion of the person adopted by Paul Ricoeur, as well as the critique he develops of personalism, drawing primarily on works such as *Note sur la personne* (1936), *Une philosophie personnaliste* (1950), and *The Death of Personalism, the Return of the Person* (1983). Subsequently, we will examine the personalist anthropology developed by Karol Wojtyła’s modern ontological personalism, particularly in *Person and Act* (1969), which will allow us to analyze how Wojtyła’s position responds to Ricoeur’s critique. Finally, following these steps and adopting as a theoretical framework the works *El personalismo ontológico moderno I* (2015) and *Introducción al personalismo* (2028) by João Manuel Burgos, this research seeks to present Wojtyła’s personalist anthropology based on a notion of the person and a more robust epistemological framework, one that incorporates elements of Ricoeur’s critique and contributes to the consolidation of the notion of the human person and of personalist philosophy itself..

Keywords: Person; Paul Ricoeur; Karol Wojtyła; Personalism.

1 INTRODUÇÃO

Em 1950, após a morte de Emmanuel Mounier, Paul Ricoeur publicou *Une philosophie personnaliste*, obra em que declara consumada a produção do autor francês. Essa constatação lhe permitiria realizar um panorama geral sobre o movimento inaugurado por Mounier. Nesse movimento, mais do que um filósofo ou um pai de uma filosofia, Mounier é identificado como sendo “o pedagógico, o educador de uma geração” (Ricoeur, 1950, p. 862, grifo do autor), tese defendida ao longo de toda a obra.

Passados mais de trinta anos, Paul Ricoeur redige outra obra, que já em seu título carrega sua tese fundamental, “Morre o personalismo, volta a pessoa” (1983), empreendendo, mais uma vez, uma compreensão panorâmica do movimento de Mounier. A obra, produzida alguns anos após a morte do pedagogo francês, contribui para a compreensão de dois elementos principais que fundamentam sua tese: a má escolha do termo “ismo” para a nomenclatura do movimento e a não competitividade do personalismo frente a outros “ismos” aos quais buscava se contrapor. Esses elementos ajudam a identificar a tese apresentada na obra, segundo a qual a morte do personalismo é atestada por sua incapacidade de competitividade diante do que Ricoeur chamou de “batalha do conceito”, sendo necessário repensar o conceito de pessoa que, ainda pertinente à batalha do conceito, necessitava de um estatuto epistemológico apropriado.

A crítica de Ricoeur sustenta-se ainda em uma terceira obra, intitulada *Abordagem da pessoa* (1990), escrita posteriormente à obra de 1983. Nela, o filósofo retoma seu debate sobre a noção de pessoa, buscando consolidar ainda mais um estatuto epistemológico para essa noção, o que o faz com base em três elementos: a linguagem, a ação e a narrativa. Pode-se, portanto, afirmar que a crítica de Paul Ricoeur ao personalismo se fundamenta em uma questão central: a falta de um estatuto epistemológico que, não possuindo uma fundamentação clara e robusta, torna-se incapaz de concorrer com outras compreensões antropológicas. Entretanto, o personalismo posterior a Mounier conheceu muitos outros autores, fases, sistematizações, críticas, adaptações e linhas de interpretação, de modo que se faz oportuno, mais uma vez, adotar a posição de Ricoeur e avaliar o personalismo moderno, buscando compreender se a falta de um estatuto epistemológico continua a declarar a morte da filosofia personalista ou se, por outro lado, o desenvolvimento da filosofia personalista foi direcionado à adoção de pressupostos e fundamentos epistemológicos que lhe permitam continuidade na batalha do conceito.

Dentre os desdobramentos da filosofia personalista, optou-se por recorrer ao personalismo ontológico moderno de Karol Wojtyla (1920-2005), filóso-

fo polonês que, de acordo com Juan Manuel Burgos, propõe uma antropologia original, potente e sistemática, fruto da união metodológica que realiza entre “fenomenologia e pensamento clássico, fundamentalmente tomismo. E essa é, justamente, a perspectiva que me parece mais adequada e potente para promover um personalismo no século XXI” (Burgos, 2015, p. 10). Burgos é claro ao identificar as novidades da filosofia personalista de Wojtyla.

Segundo essas perspectivas, o presente artigo apresenta como problema central a investigação de como o personalismo ontológico moderno de Karol Wojtyla, centrado no conceito de pessoa, se apresenta frente às noções e críticas levantadas por Paul Ricoeur ao personalismo. Para isso, desenvolver-se-á em três momentos: no primeiro, identificar-se-á a noção de pessoa adotada por Paul Ricoeur, bem como a crítica que desenvolve ao personalismo, de acordo com as obras *Note sur la personne* (1936), *Une philosophie personnaliste* (1950) e *Morre o personalismo, volta a pessoa* (1983); em seguida, buscar-se-á compreender a antropologia personalista desenvolvida pelo personalismo ontológico moderno de Karol Wojtyla, a partir da obra *Pessoa e Ação*, o que permitirá analisar como o personalismo ontológico moderno de Wojtyla se posiciona frente à crítica de Paul Ricoeur. Espera-se que, seguindo esses passos e adotando ainda como referencial teórico as obras de Juan Manuel Burgos, seja possível apresentar a antropologia personalista de Wojtyla segundo uma noção de pessoa e um estatuto epistemológico únicos e robustos, que incorporam elementos da crítica de Ricoeur e contribuem para a consolidação e o aprimoramento da noção de pessoa humana e da própria filosofia personalista.

2 A CRÍTICA DE PAUL RICOEUR

Para compreender a crítica desenvolvida por Paul Ricoeur ao personalismo, faz-se oportuno identificar qual a noção empregada por ele à noção de “pessoa”, haja vista que toda a vasta bibliografia de Ricoeur envolve, em parte, ou cita a pessoa, sendo oportuno questionar o que o autor comprehende por pessoa. Para isso, recorremos à primeira de suas obras sobre o conceito, o ensaio intitulado *Note sur la personne*, publicado em 1936 na revista teológica *Le Semeur* (O Semeador), no qual apresenta de que modo a noção de pessoa ultrapassa a noção de indivíduo.

Já nas primeiras linhas da obra, Ricoeur assinala um fato que justifica a sua escrita, que seria o fato de “estamos testemunhando neste momento a restauração da noção de pessoa” (Ricoeur, 1936, p. 437). Há de se destacar que o ensaio é publicado no meio do que ficou conhecido como o despertar personalista, que corresponde a um conjunto de movimentos de natureza social, política e

filosófica (Burgos, 2018), como, por exemplo, a publicação da obra *Revolução personalista e comunitária* (1935), primeira obra do personalismo de Mounier, e o lançamento da revista *Esprit* (1934), dedicada a publicações de cunho personalista. Todos eles são eventos que levam a um terreno favorável à recepção e ao desenvolvimento do personalismo de Mounier.

Neste contexto, Ricoeur empreende a obra buscando caracterizar a noção de pessoa, que não seria um temperamento nem um caráter e, por isso mesmo, não é um indivíduo, ao opor-se aos termos usados, que privilegiam ou sublinham determinadas capacidades ou elementos do ser humano, como as suas habilidades ou forças biológicas. Ricoeur afasta-se de uma posição que reduz “a pessoa à figura do indivíduo analisável” (Cristiano e César, 2024, p. 29) e aproxima-se de uma postura que busque compreendê-la segundo uma visão integral. É neste sentido que entendemos a afirmação de Ricoeur ao dizer que “na medida em que o homem é objeto de ciência, ele não é uma pessoa” (Ricoeur, 1936, p. 338), posição que explicará posteriormente a adoção da noção de atitude, bem como a afirmação da ausência de um estatuto epistemológico seguro do personalismo de Mounier, uma vez que lhe falta um método, de modo a não instrumentalizá-lo como um objeto.

Cabe ainda destacar que o ensaio apresenta alguns elementos singulares da pessoa, como o ato, fruto do movimento livre que encontra na pessoa a sua fonte e que, por isso mesmo, pede dela responsabilidade, de acordo com Ricoeur (1936, p. 439): “a pessoa age e não é atuada”, tem como fonte de sua ação ela mesma. É neste ponto que o autor, mais uma vez, reafirma sua compreensão ao afirmar que a pessoa e o ato não podem ser objeto de uma ciência. Partindo do ato, Ricoeur assinala outros três traços da singularidade da pessoa, que a manifestam enquanto tal: são eles a vocação – entendida enquanto chamado –, o engajamento – como compromisso para com a atividade à qual é chamada –, e o testemunho – a encarnação, na história, desse compromisso. Dessa maneira, os “seus atos são testemunhos de sua vocação tornada engajada” (Cristiano e César, 2024, p. 32). Estes elementos de singularidade são específicos de seu ser pessoal, que a torna única, mas que, ainda assim, não são reduzidos a ela.

2.1 Uma filosofia personalista

Apesar de o ensaio sobre a pessoa já apresentar alguns elementos da crítica de Ricoeur ao personalismo, é somente em *Une Philosophie Personneliste*, obra publicada em 1950, que o filósofo apresenta uma análise mais específica sobre o personalismo, que fundamentou a sua crítica futura, haja vista que, neste período, o movimento inaugurado já tinha se consolidado, além de um outro

importante acontecimento: a morte de Mounier. O personalismo não era mais um movimento inicial, tal como foi durante a escrita do ensaio em 1936. Muito já havia sido escrito sobre o personalismo, sendo necessário, agora, iniciar o que Ricoeur (1950, p. 860) chamou de “a única história possível”, que é o caminho da interpretação dos seus leitores.

Ricoeur empreende uma leitura hermenêutica da obra de Mounier e começa resgatando a atuação na revista *Esprit*, onde, de acordo com ele, se caracterizou o modus operandi de Mounier, justamente em uma perspectiva de afastamento das universidades, buscando responder a um sentimento de crise e propor, a partir dela, uma nova civilização, sendo esta última o objetivo primeiro do personalismo. Somente deste modo comprehende-se a afirmação de Ricoeur de que, mais do que um filósofo, “Emmanuel Mounier foi o pedagogo, o educador de uma geração” (Ricoeur, 1950, p. 862), sendo, por isso mesmo, promotor de um despertar, colocando-se longe de sistematizações e definições, ainda que, segundo Ricoeur, tenha ajudado a oferecer uma matriz filosófica (Ricoeur, 1950) que, servindo como orientação, não fechou o personalismo em linhas deterministas, mas norteou suas várias linhas de interpretação em direção à pessoa. Como um educador, Mounier “soube reunir o significado multidimensional do tema da pessoa” (Ricoeur, 1950, p. 887).

Após esta análise geral sobre a obra de Emmanuel Mounier e passados mais de trinta anos, o hermeneuta francês retorna ao movimento inaugurado pelo educador francês em Morre o personalismo, volta a pessoa (1983), onde, de acordo com Juan Manuel Burgos, este retorno objetiva “fazer uma avaliação e um diagnóstico desse grande projeto, e expressar suas conclusões” (Burgos, 2018, p. 204), e isso se deve ao tempo passado, tanto entre o despertar personalista quanto entre a morte de Mounier.

A avaliação de Ricoeur inicia com a constatação do que, para ele, é um dos erros de Mounier, isto é, a adoção do termo “ismo” na nomenclatura do movimento, erro este que conduz a um outro mais fundamental, que é a não competitividade teórico-conceitual do personalismo,

[...] diante de outros ‘ismos’ da época: o marxismo e o existencialismo. [...] sua tese é que, nessa confrontação com duas filosofias duras, o personalismo sucumbiu com facilidade porque não dispunha de instrumentos conceituais para sustentar uma batalha consistente [...]. Neste marco, [...] Ricoeur certifica o fim do personalismo, e propõe como alternativa a fecundidade do conceito de pessoa (Burgos, 2018, p. 204-205).

Conforme Ricoeur, falta, portanto, ao personalismo um estatuto epistemológico robusto, capaz de apresentá-lo como uma via frente aos outros “ismos”, o que torna o personalismo nos moldes de Mounier um empreendimento fracassado. Entretanto, não é fracassada a adoção da noção de pessoa, pois, de

acordo com Ricoeur, “se volta a pessoa, é porque ela continua sendo o melhor candidato para sustentar os embates jurídicos, políticos, econômicos e sociais [...] um candidato melhor do que todas as outras entidades” (Ricoeur, 1996, p. 158), tais como: consciência, sujeito, indivíduo e eu. Entretanto, um problema surge: como falar de pessoa sem uma clara referência ao personalismo – o despertar que reapresentou o termo até então esquecido? Ricoeur busca responder a esta indagação recorrendo à noção da pessoa como uma atitude, que Burgos (2018, p. 205) explica ao afirmar que,

[...] o conceito de ‘atitude-pessoa’ é ambíguo, mas entende que esse problema pode ser superado outorgando-lhe um estatuto epistemológico consistente em estabelecer uma pré-compreensão que determine a orientação das investigações. Seria o foco de uma ‘atitude’ à que podem corresponder ‘categorias’ múltiplas e muito diferentes.

Dessa maneira, a noção de pessoa não é tratada segundo uma posição filosófica acabada e abstrata, mas, sim, conforme uma compreensão mais concreta, saindo de “conceitos tradicionais antropológicos” (Carneiro; Oliveira; Tiellet. 2023, p. 203) e adotando postulados próprios, com “premissas diferentes [...] de cada investigador, que deveriam ter, isso sim, os traços comuns” (Burgos, 2018, p. 205). Ricoeur cita um dos dois destes focos: a crise - entendida enquanto posição real e concreta, e o engajamento - entendido como envolvimento pessoal com uma causa. Antes, no entanto, de concluir a obra, Ricoeur assinala que a morte do personalismo, e toda a crítica que desenvolve a partir desta sentença deve orientar ainda mais reflexões (Ricoeur, 1996), suscitando elementos que não foram por ele elaborados. Nas linhas finais da obra, ele apresenta uma citação de Mounier, que afirma:

Assistimos [...] às primeiras sinuosidades de uma marcha cílica na qual as explorações desenvolvidas até o extremo só são abandonadas para ser reencontradas mais tarde e mais longe, enriquecidas por esse esquecimento e pelas descobertas das quais o esquecimento libertou o caminho (Mounier, 1970, p. 11).

A frase citada acentua a capacidade de transformação que o tempo e que os processos podem fazer às coisas, mas também à própria filosofia. Em 1990, Ricoeur retornaria a mesma citação em sua obra “Abordagens da pessoa”, onde mantém a noção da pessoa enquanto atitude e apresenta outras características que lhe são próprias, de modo a oferecer um fundamento ainda maior, tais como: a linguagem, a ação e a narrativa. Entretanto, os outros desenvolvimentos de Ricoeur, a partir dessas características, conduziram pouco a pouco ao que poderia ser considerado como uma antropologia ricoeuriana, que, por não ser objeto de estudo deste artigo, não serão especificados. Limitamo-nos a apresentar e compreender a crítica que desenvolve ao personalismo, ligada ao seu substrato

epistemológico, fazendo-se oportuno, agora, compreender qual a noção de pessoa para o personalismo ontológico moderno de Wojtyla.

3 O PERSONALISMO ONTOLÓGICO MODERNO DE WOJTYLA

O despertar personalista iniciado por Emmanuel Mounier não se prendeu às suas proposições. Como o próprio Ricoeur reconheceu, o filósofo francês ofereceu uma matriz filosófica que permitiu a tantos outros autores desenvolverem o personalismo, de modo que o personalismo chega a outros autores aproximando-se/ou distanciando-se de correntes, adotando pressupostos e métodos, consolidando-se, assim, segundo várias correntes que compartilham elementos comuns. A sistematização destas correntes não foi uma constante durante o desenvolvimento do personalismo. Desta maneira, adotaremos, para fins metodológicos, a estruturação e a sistematização realizada por Juan Manuel Burgos, onde as características principais do personalismo seriam:

[...] a pessoa como eu e quem, a afetividade e a subjetividade, a interpessoalidade e o caráter comunitário, a corporalidade, a tripartição da pessoa em nível somático, psíquico e espiritual, a pessoa como homem e mulher, a primazia do amor, a liberdade como autodeterminação, o caráter narrativo da existência humana, a transcendência como relação com um Tu, etc. (Burgos, 2018, p. 211, grifo do autor).

Desta maneira, o postulado fundamental do personalismo é a noção de pessoa, sobre a qual são teorizados todos os demais elementos. Ainda de acordo com Burgos, são três as principais correntes nas quais o personalismo se desenvolveu, de modo a relacionar-se com estes elementos; são elas: o personalismo comunitário, profundamente ligado às contribuições e postulados elaborados por Mounier; o personalismo dialógico, orientado para o caráter interpessoal; e o personalismo ontológico, dividido em dois grupos: o do personalismo ontológico clássico, que incorpora elementos da filosofia clássica, e o personalismo ontológico moderno, que incorpora elementos da filosofia clássica e moderna, tendo como principal representante Karol Wojtyla.

Nascido em um dos países do leste europeu que, ao longo dos anos, ficou conhecido pela crescente de invasões, guerras, repartições e conflitos em seu território, Karol Joseph Wojtyla cresceu em meio às histórias e lutas que envolvem a Polônia. Durante o século XX, o país sofreu a ocupação nazista e o levante do regime comunista, segundo os moldes e o controle da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Durante estes anos, a cultura, a história e a religião foram subjugadas em nome do ideal revolucionário; o pessoal era abnegado em detrimento do coletivo; a pessoa humana era um produto do *Reich* alemão ou

do ideal socialista da URSS. Frente a estes ideais coletivistas e individualistas, e buscando respondê-los, a Igreja da Polônia incentivou a formação intelectual como caminho de superação das distorções políticas e filosóficas. Wojtyla é filho deste movimento.

O filósofo personalista apaixonou-se, desde muito novo, pelo teatro; formou, junto a amigos, um movimento clandestino que buscava preservar a literatura polonesa nos anos mais duros da invasão nazista, sendo tratado como “socialmente útil” por trabalhar em uma pedreira. Neste mesmo período, adentra no seminário clandestino e começa sua formação para ser padre. Neste mesmo ano, as tropas do Exército Vermelho da URSS expulsaram os nazistas e ocuparam o controle do país. As novas restrições continuarão levando Wojtyla a estudar e a se ordenar clandestinamente; após a ordenação sacerdotal, é enviado a Roma para o doutorado em filosofia e teologia moral. Ao retornar à Polônia, começa sua atividade pastoral, que o conduz, pouco a pouco, ao problema da pessoa. De acordo com ele,

Naqueles anos, a coisa mais importante para mim se tornara os jovens, que me colocavam não tanto perguntas sobre a existência de Deus, *mas questões precisas sobre a forma de viver*, ou seja, sobre a maneira de enfrentar e resolver os problemas do amor, e do matrimônio, bem como os relacionados com o mundo do trabalho (João Paulo II, 1994, p. 185-186, grifo do autor).

A vivência pastoral¹ de Wojtyla como jovem sacerdote o conduz à necessidade de responder aos problemas a que estavam envolvidos os poloneses. A prática o leva a necessidade de teorizar, o que o faz precisamente através da obra Pessoa e Ação (1969). De acordo com Burgos, Wojtyla não buscou “desenvolver uma teoria personalista, mas sim uma antropologia” (Burgos, 2015, p. 11)², respondendo ao problema da pessoa, com uma nova antropologia que conseguisse reapresentar o homem ao próprio homem (Wojtyla, 2021)³. Para isso, Wojtyla adotou um caminho que se integra à filosofia do ser com a filosofia da consciência, pois seus estudos em Roma apresentaram-lhe a fenomenologia, que, incorporada aos elementos de sua formação tomista, poderia consolidar uma nova antropologia.

Esta nova antropologia deveria, no entanto, estar ancorada no conceito de pessoa, que, para Wojtyla, é precisamente a compreensão do ser humano enquanto “alguém” e não algo, não um indivíduo, não uma racionalidade (Wojtyla, 2021). Segundo Burgos, a antropologia personalista de Wojtyla apresenta-se como original por ser “resultado de uma fusão original de fenomenologia e pensamento clássico, fundamentalmente tomismo.

¹ Esta prática envolve tanto a atuação pastoral nas comunidades e no acompanhamento de jovens, quanto o seu acompanhamento a paróquia universitária e a sua própria atuação como professor na Universidade Jaguelônica.

² Todas as citações dessa obra são tradução nossa.

³ Todas as citações dessa obra são tradução nossa.

É essa justamente a perspectiva que me parece mais adequada e potente para promover um personalismo no século XXI" (Burgos, 2015, p. 11). Distante-mente das outras correntes do personalismo, Karol Wojtyla, não promoveu uma simples continuidade à obra de Mounier, personalismo comunitário, ou com o personalismo dialógico e clássico, ao contrário: buscou confluir elementos de modo a apresentar uma filosofia mais sistemática, chamada por Burgos de personalismo ontológico moderno.

Buscando evidenciar as características da filosofia personalista ontológico-moderna, segundo os desdobramentos teórico-filosóficos de Wojtyla, Burgos apresenta a relevância da integração realizada entre a filosofia do ser e a filosofia da consciência, de modo a obter "uma nova síntese que supere a ambas" (Burgos, 2025, p. 12), entretanto esta não é sua única característica. O personalismo comunitário acentua o campo teórico, compreendendo que a atuação social, deve começar por meio do âmbito acadêmico elemento fundamentalmente contrário à compreensão de Mounier. Outro elemento é a posição que ocupa a interpessoalidade, entendida como elemento constitutivo do ser pessoa, mas anterior a ela, de modo que "a pessoa tem prioridade sobre a relação" (Burgos, 2015, p. 14). Dois outros elementos distinguem ainda o personalismo contemporâneo, são eles: a relação entre personalismo e fenomenologia e a negação de todo e qualquer idealismo.

O primeiro, acentua justamente que a filosofia personalista não segue a adoção de uma *epoché*, mas, sim, a experiência como ponto de partida, que, segundo Wojtyla, é um processo cognitivo, rico, único, irrepetível, intransferível e complexo, levando-o a afirmar que o "objeto da experiência não é só o fenômeno sensível transitório, mas também o próprio homem que se revela a partir de todas as experiências e ao mesmo tempo, está em cada uma delas" (Wojtyla, 2021, p. 34). A experiência integral do homem, é, portanto, adotada como via de acesso para o ser humano. O segundo, corresponde à negação de proposições idealistas e está ligada a adoção desta posição realista adotada por Wojtyla a partir da experiência integral do ser humano.

Partindo destes elementos que compõem a corrente do personalismo ontológico moderno, pode-se desenvolver alguns elementos específicos do desdobramento da antropologia personalista, de modo a apresentar a sua especificidade. Como identificado anteriormente, faremos isto, recorrendo a obra *Pessoa e Ação*, na qual, a partir da experiência integral, Karol Wojtyla, traça os elementos fundamentais de sua antropologia, como a ação humana, entendida como "momento particular na apreensão - ou seja, na experiência - da pessoa" (Wojtyla, 2021, p. 43), que entendida como uma atividade, é fruto da atuação do próprio ser humano, não podendo ser atribuída a nenhum outro agente (Wo-

jtyla, 2021), somente assim pode-se compreender a afirmação de que a pessoa pressupõe a ação. Afirmação esta que se torna a compreensão metodológica de toda a obra, entendida como “um estudo da ação que revela a pessoa, ou seja, um estudo da pessoa através da ação” (Wojtyla, 2021, p. 44), sendo a ação momento de revelação da pessoa.

A ação aqui é entendida segundo a referência ao conceito aristotélico-tomista “*actus humanus*” fruto da atividade consciente, que expressa o dinamismo próprio do ser humano como pessoa, que, para o pensamento wojtylian, “atua conscientemente, tem conhecimento de que está atuando e de que é ela quem está atuando. A consciência é, portanto, um aspecto constitutivo da estrutura dinâmica da pessoa em ação” (Silva, 2005, p. 31), e como aspecto constitutivo possibilita um olhar do próprio ser humano como sujeito da ação, possuidor de uma subjetividade e possuidor de limitações. Buscando distanciar-se de uma compreensão idealista da consciência, que reduz a pessoa à consciência. Wojtyla apresenta as limitações que lhe são próprias.

A compreensão do ser humano como causador de sua ação, leva também o reconhecimento de dinamismos em que o ser humano não é o seu agente, experimentando-as como algo que “simplesmente ocorreu no homem, mais do que o causado” (Wojtyla, 2021, p. 114). O ato seria assim fruto tanto do “ocorrer” quanto do “atuar”, sendo ambos frutos do ser humano, mas experimentados de forma diferente: o primeiro como fruto da passividade, e o segundo da eficácia, como ato querido pela pessoa. O dinamismo, isto é, aquilo que é fruto do ocorrer e do atuar, é parte da estrutura do ser humano, ligado profundamente com outros dinamismos como a sua estrutura biológica, as emoções, as paixões, ao devir.

A conceituação do dinamismo e do devir levam a um outro aspecto da pessoa, que é a liberdade. É por meio da liberdade que a pessoa atuando, torna-se “alguém”, determina-se, de modo que é a ação, expressão deste movimento voluntário. Nos moldes de Wojtyla, isso implica a estrutura de autodeterminação da pessoa, que “é quem possui a si mesmo e ao mesmo tempo é possuída só e exclusivamente por si mesma” (Wojtyla, 2021, p. 170), porque se possui e não é possuída por ninguém é que a pessoa pode determinar-se. Este é o postulado de autopossessão (não ser possuído e se possuir) e autogoverno (por se possuir pode governar-se), que como capacidades incomunicáveis da pessoa, formam a sua autodeterminação, que contrasta com o impulso, justamente pelo papel que possui a volição. O ser humano é constituído, portanto, não de impulsos, mas de tendências que podem orientá-lo, mas não o condicionar.

A autodeterminação está desta maneira ligada à autorrealização da pessoa, pois “realizar uma ação, não significa somente ser seu autor. A realização

é algo coordenado com a autodeterminação. [...]. O homem, quando é autor de uma ação, simultaneamente se realiza a si mesmo" (Wojtyla, 2021, p. 228). A autodeterminação, segundo todos estes elementos que pressupõe, realiza a pessoa, fazendo-a "alguém" e não algo, de modo que negar esta estrutura é negar a pessoa. No entanto, a realidade dinâmica do ser pessoa não se encerra aí. A pessoa possui elementos que lhe são próprios, que a envolvem por meio de sua integração com a ação, isto é, a ação torna-se meio de ligação entre os vários elementos do dinamismo da pessoa, seus dinamismos psicossomáticos, como a própria somática - entendida como a estrutura material interna e externa do corpo como meio e terreno da ação, bem como o psiquismo, que expressa "as manifestações da vida humana que, em si mesma, são imateriais e incorpóreas" (Silva, 2005, p. 86), como as emoções, e as funções psíquicas.

Dessa forma, é perceptível o distanciamento entre as formulações de Mounier e o personalismo de Wojtyla, pois este último consolida-se segundo bases filosóficas mais determinadas, caracterizando-se por uma preocupação que é também prática, haja vista que é a atuação pastoral que o leva à teoria, mas que busca bases teóricas sólidas para se apoiar. Sendo estas o eixo fundamental de distinção da filosofia personalista de Wojtyla com outros autores e correntes.

4 O PERSONALISMO ONTOLÓGICO MODERNO E A CRÍTICA DE RICOEUR

Tendo sido apresentada a crítica de Paul Ricoeur, bem como a antropologia personalista de Wojtyla, a partir do conceito de pessoa, faz-se necessário analisar de que modo se apresenta o personalismo ontológico moderno inaugurado por Wojtyla frente à crítica de Paul Ricoeur, da carência de um estatuto epistemológico para o personalismo. Segundo Burgos, o Personalismo Ontológico Moderno é a perspectiva mais adequada e potente para promover uma continuidade da filosofia personalista no século XXI (Burgos, 2015). Sua tese se ancora na compreensão dos postulados filosóficos adotados e incorporados. Segundo ele,

[...] em nossa civilização contemporânea somente uma filosofia poderosamente articulada e com autoconsciência de si mesma pode estar em condições de apontar a sociedade a luz que necessita para a resolução de seus problemas, o que só a filosofia pode dar (Burgos, 2015, p. 13).

Burgos sinaliza, assim, a importância de uma filosofia comprometida, sólida, articulada, que, de outra maneira, "só pode conduzir, de novo, à perda da 'batalha do conceito'" (Burgos, 2015, p. 13). Ao recordar a "batalha do conceito", retoma diretamente a crítica de Paul Ricoeur, da carência de um estatuto epis-

temológico para o personalismo. Fazendo, assim, uma distinção entre o personalismo comunitário e o personalismo ontológico moderno, no qual o primeiro não estaria articulado nem possuiria uma autoconsciência de seus pressupostos, capacidades e limites, justamente porque distancia-se do saber filosófico. Por outro lado, o segundo apresenta justamente estas características, por estar ancorado em postulados filosóficos sólidos, principalmente a partir do conceito de pessoa, ancorado nos elementos já apresentados, que fundamentam uma antropologia de forma muito específica.

Quando Paul Ricoeur apresenta, em *Morre o Personalismo, renasce a pessoa*, sua tese de que a morte de Mounier significaria a morte do próprio personalismo e o renascimento da pessoa, ele o faz a partir da compreensão do limite teórico que possui o movimento de Mounier, a carência que possui de um estatuto epistemológico consistente, fazendo Ricoeur adotar a compreensão da atitude-pessoa, onde “todas as categorias novas nascem de atitudes que são tomadas na vida e que, pela espécie de pré-compreensão que lhes está ligada, orientam a busca de novos conceitos que seriam suas categorias apropriadas” (Ricoeur, 1996, p. 158). Desta maneira, a compreensão da atitude-pessoa seria a adoção de elementos pertinentes à vida humana, em sua concretude, que vão conferir um robustecimento epistemológico concreto, o que possibilita falar de pessoa sem uma clara referência ao personalismo, graças às novas referências.

Se analisarmos o personalismo de Wojtyla a partir desta compreensão de atitude-pessoa, torna-se perceptível a sua adoção de linhas teóricas próprias, distintas do personalismo comunitário, onde a pessoa é um “quem” e não “algo”, sendo um ser concreto, o que implica na adoção da experiência integral do ser humano como metodologia, experiência esta que é única e irrepetível. O personalismo de Wojtyla busca uma compreensão da pessoa através da ação, de modo que a ação humana revela a pessoa, seguindo o caminho inverso até então desenvolvido, que era da pessoa à ação. A escolha de um caminho inverso está diretamente ligada à compreensão dos dinamismos que lhe são próprios, como a volição, a autodeterminação, a autopossessão, o autogoverno, a autorrealização, a decisão etc., elementos da pessoa humana que expressam o seu ser pessoal, expressam sua singularidade e que, mesmo assim, não são reduzidos a ela.

A expressão da pessoa através da ação, como visto, é reflexo desta busca de uma antropologia real, concreta e próxima de uma perspectiva integral da pessoa, que respeite e reconheça suas potencialidades e dinamismos. No desenvolvimento da noção ricoeuriana, isso se apresenta no ato, na encarnação, na vocação, na crise, no engajamento e demais elementos que são utilizados por Ricoeur para apresentar a singularidade da pessoa. Tanto Ricoeur quanto Wojtyla escolhem o ato como primeiro elemento da singularidade humana a

ser identificado, entretanto assumem posições distintas. Ricoeur afirma que o ato, assim como a pessoa, não podem ser objetos da ciência, porque o processo científico levaria a uma despersonalização (Ricoeur, 1936); já Wojtyla recorre à ação, justamente por compreender que ir à pessoa segundo uma metodologia científica a negaria, sendo necessário um método próprio, que reconheça a especificidade da investigação que envolve a pessoa humana.

Podemos, desta maneira, afirmar que o personalismo ontológico moderno adota uma compreensão da pessoa específica e moderna, que integra a objetividade e a subjetividade e que busca uma compreensão integral a partir da experiência humana. Desse modo, segundo postulados que lhe são próprios, o personalismo ontológico moderno de Karol Wojtyla oferece à noção de pessoa um estatuto epistemológico que lhe permita não só dedicar-se à “batalha do conceito”, mas também colocar-se como perspectiva filosófica para o século XIX (Burgos, 2015). Ambas as realidades são possíveis graças a um esforço de sistematização. Wojtyla, na introdução de *Pessoa e Ação*, apresenta a necessidade de uma metodologia que envolvesse a pessoa segundo uma compreensão integral, que se realiza precisamente por meio da experiência humana, onde “o homem, descobridor de tantos mistérios da natureza, necessita incessantemente ser descoberto ele mesmo de novo” (Wojtyla, 2021, p. 58). A atualidade do problema convoca a necessidade de uma nova antropologia, e é precisamente isto que o personalismo ontológico moderno de Wojtyla buscou consolidar.

5 CONCLUSÃO

Pode-se, em caráter final, recapitular que a crítica de Ricoeur se sustenta em duas proposições básicas. A primeira é que o movimento personalista encontra seu fim com a morte de Mounier, justamente por não ter um estatuto epistemológico consolidado; e a segunda é o retorno da pessoa, justificado pelo autor devido à noção de pessoa, que “continua sendo o melhor candidato para sustentar os combates jurídicos, políticos, econômicos e sociais evocados em outro lugar; quero dizer, um candidato melhor do que todas as outras entidades que foram levantadas pelas tormentas culturais” (Ricoeur, 1996, p. 158). Ricoeur reconhece, desta forma, a relevância da noção para os debates que envolvem, partem ou chegam a questões antropológicas, reconhecimento este que está presente nele desde sua primeira obra sobre o tema – *Note sur la personne* –, onde afirma que essa noção pode superar as limitações de outros termos, sendo, para isso, fundamental a garantia de um estatuto epistemológico forte, capaz de se colocar em meio à tormenta cultural na qual estava envolto o século XX.

A crítica ricoeuriana sobre o personalismo não buscou suprimi-lo en-

quanto movimento, mas sim validar uma certeza: a sua incapacidade de responder à tormenta cultural. O movimento avaliativo de Ricoeur viabilizou um processo de maturação filosófica, ainda que não por todos os autores ou correntes. O reconhecimento de Emmanuel Mounier como pedagogo de uma geração leva-nos a compreender que, posterior à sua morte, morreu um modo muito específico de se fazer filosofia personalista – segundo aqueles moldes de afastamento das universidades, abnegação da sistematização e outros elementos que lhe são característicos; entretanto, isso não significou a morte da matriz filosófica por ele iniciada. Pelo contrário, a morte de Mounier estabeleceu-se como o ponto de partida para novas formulações, seja em uma perspectiva comunitária, inspirada no próprio Mounier, seja no personalismo ontológico moderno de Wojtyla.

Podemos acentuar, assim, que a crítica de Ricoeur continua sendo pertinente para a promoção de uma avaliação da filosofia personalista, de modo que, a partir dela, se consolide uma postura de avaliação, atualização e sistematização, de modo a garantir sua relevância teórica e a continuidade da “batalha do conceito”. De igual modo, pode-se observar que o personalismo ontológico moderno de Wojtyla respondeu a esta crítica, ainda que indiretamente, ao objetivar uma filosofia personalista mais robusta, sistemática, concisa e capaz de responder aos problemas ordinários, confrontando-se com concepções antropológicas distorcidas, tais como os individualismos e os coletivismos, de modo a desenvolver, com isto, a noção de pessoa e a própria filosofia personalista – não segundo um “ismo”, mas com postulados filosóficos bem determinados.

Por isso mesmo, não pode se dar por completa, pois o próprio Wojtyla acenou, em suas obras, a necessidade da continuidade de suas investigações. No último capítulo de *Pessoa e Ação*, dedica-se a algumas aplicações da antropologia desenvolvida, com implicações práticas, como a relação entre as pessoas e de que modo esta relação garante a autonomia e o reconhecimento da pessoa humana. Estes são, no entanto, alguns dos apontamentos apresentados pelo autor, devendo muitos outros serem realizados por meio de uma visita de suas obras e da filosofia personalista como um todo, de modo a aperfeiçoar e buscar os elementos capazes de garantir a continuidade do personalismo no século XIX, tal como defendeu Juan Manuel Burgos.

REFERÊNCIAS

BURGOS, Juan Manuel. El personalismo ontológico moderno I: arquitectónica. **Revista Quién**, n. 1, p. 9-27, 2015.

BURGOS, Juan Manuel. **Introdução ao personalismo**. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

CARNEIRO, José; OLIVEIRA, Rita; TIELLET, Cláudia (org.). **Filosofia da pessoa no pensamento de Paul Ricoeur**. Teresina: EDUFPI, 2023.

CRISTALDO SILVA, Pedro Henrique; CÉSAR FREITAS PINTO, Weiny. Para além de uma nota sobre a pessoa. **Cadernos do PET Filosofia**, [S. l.], v. 14, n. 28, p. 27-36, 2024. DOI: 10.26694/cadpetfilo.v14i28.5341. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/pet/article/view/5341>. Acesso em: 19 jul. 2024.

EVERT, Jason. **A vida de São João Paulo II**. 2. ed. Dois Irmãos, RS: Minha Biblioteca Católica, 2023.

JOÃO PAULO II, Papa. **Cruzando el umbral de la esperanza**. Barcelona: Plaza & Janés, 1994.

MOUNIER, Emmanuel. **O personalismo**. Lisboa: Moraes, 1970.

RICOEUR, Paul. **Leituras 2: a religião dos filósofos**. São Paulo: Loyola, 1996.

RICOEUR, Paul. Note sur la personne. **Le Semeur**, v. 38, n. 7, p. 437-444, 1936.

RICOEUR, Paul. Une philosophie personneliste. **Esprit**, Paris, n. 174, p. 860-887, 1950. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/24250872>. Acesso em: 19 jul. 2024.

SILVA, Paulo Cesar da. **A antropologia personalista de Karol Wojtyła**. Aparecida: Ideias e Letras, 2005.

WOJTYŁA, Karol. **Persona y acción**. 4. ed. Madrid: Palabra, 2021.

Recebido em: 11/04/2025

Aprovado em: 17/12/2025